

E nós seremos uma tribo. De selvagens

Leo Gilson Ribeiro

Jornal da Tarde, 1976-9-18. Aguardando revisão.

O Congresso ou Parlamento, chamado de Casa do Couro, foi fechado e fumigado: a grande tribo está vivendo com medo dos espões disfarçados em toda parte. Civilização é uma palavra antiga, capaz de comprometer quem a usa. Ela irrita o Chefe Supremo, o Uhmala, que se dedica só a caçadas e partidas do jogo de abóbora. Para o povo, ele baixa os 400 Princípios, que não podem ser transgredidos. Terminou a Era dos Inventos, a capacidade de criar atrofiou-se: agora os rádios, as vitrolas, as televisões, as lâmpadas amontoam-se, inúteis, nos Armazéns Proibidos. Um dos passeios que restam é ir ver as ruínas dos automóveis, empilhados e apodrecendo no Cemitério dos Trambolhos de Rodas. Há muitas gerações nem os aviões, as naus celestes, aterrisam na oca daquela gente conformista, medrosa, que envolveu no tempo e na dignidade humana.

José J. Veiga não faz propriamente uma incursão no mundo da ficção científica nem da alegoria política em seu último livro, *Os Pecados da Tribo* (Editora Civilização Brasileira 123 páginas). O clima de terror instalado no poder, que caracteriza nitidamente sua obra-prima anterior, *As Sombras dos Reis Barbudos*, assumiu agora elementos ainda mais surrealistas e arbitrários. Há ainda funcionários sádicos que obrigam os cidadãos a tarefas inúteis e a se identificarem com discos de cores diferentes. É o mesmo totalitarismo burocrático que leva policiais ferozes a extorquir nomes de cidadãos pacíficos sob a alegação de que “ninguém pode ter segredos para o Estado”. Ao contrário dos seres alados sobrenaturais que povoam os céus de *As Sombras dos Reis Barbudos*, porém, surge um animal estranho, de cauda e peludo, o uiua, que, como o supercomputador Hal, de *2001*, de Arthur Clarke, se apodera do comando, subjugando os humanos já tiranizados em fazendas-prisão: “Não é costume discutir ordens aqui em nosso território, e muito menos agora”.

Paralisado pelo pavor e pela inércia, o povoado aceita da Consulesa de outra tribo presentes mágicos: pedras preciosas que colocadas debaixo da língua previnem contra perigos, “pedras de consulta” que respondem a problemas difíceis se postas debaixo do travesseiro. A mediunidade, o alcoolismo, a promiscuidade sexual passam a ser os derivativos para aquela sociedade sitiada pela possibilidade onipresente de “evaporação” (morte).

A ameaça que um ser humano representa sempre potencialmente para o seu próximo, o *non-sense* de leis, a impotência dos cidadãos diante de usurpadores do poder – tudo isto não reduz

a especulação de J. J. Veiga a uma mera alegoria política. Ele não se propõe a demonstrar teoremas sociológicos que mostrem, matematicamente, que a falta de liberdade e de democracia leva a um estágio semelhante ao do *Planeta dos Macacos*. Mais inquietante ainda é a suspeição de que a própria condição humana participa do pesadelo kafkiano de ser. O seu mundo não admite o humor, a ironia, a sátira. Talvez ele seja o autor brasileiro mais pessimista ou mais realista, de acordo com a perspectiva de quem o observa. Seja como for, seus personagens não têm muitas opções: o conformismo, a adulação, o embrutecimento raramente cedem lugar à esperança e quando esta aparece é sempre sob uma forma de encantamento, de superação dos limites mecânicos de causa e efeito biológicos. Nem o sentimentalismo verborrágico brasileiro tem acolhida em seu estilo coeso, seco, terso.

Uma das interpretações que se poderia dar a este múltiplo *Os Pecados da Tribo* poderia ser a falência da tecnologia, que determinou a regressão à pré-história. Outra, a de que um moralista pesa as ações humanas e chega ao veredicto da condenação da espécie. Seriam decifrações sempre parciais, porque a riqueza de sugestões e propostas que J. J. Veiga sintetiza em poucas páginas não permite uma classificação tão a gosto de um tipo de crítica arquivista. A sua é legitimamente uma obra aberta e plural, a ser armada conforme a sensibilidade e a perspicácia de cada leitor, mas sempre de leitura convincente e perturbadora.